

País deve 37,2% do que produz

DEOLINDA SARAIVA
Da Sucursal

Rio — A dívida externa dos países latino-americanos beira hoje os US\$ 400 bilhões, dos quais mais de um quarto é carregado pelo Brasil. Baseados nessa constatação, economistas que endossam a moratória decretada pelo Governo vêm advogando que a posição brasileira pode significar um novo caminho para a solução política da dívida externa da América Latina, não só pelo peso de nossa dívida mas também porque, percentualmente, o débito brasileiro em relação ao PIB é um dos menores (fica à frente somente de Cuba, Paraguai e Guatemala), o que daria ao País a condição de líder nato em uma eventual união dos latino-americanos no processo de negociação com os credores internacionais.

Ao se analisar dados da Cepal (Comissão Econômica para a América Latina) divulgados este ano em publicação que analisa a crise latino-americana como “sem precedentes em meio século no continente”, constata-se que, de fato, a situação brasileira em relação a todos os países da América Latina é a mais cômoda; tem a maior dívida externa — US\$ 107 bilhões —, mas possui o maior volume de exportações e o principal PIB — US\$ 287,6 bilhões —, o que faz com que a dívida corresponda a 37,2 por cento do Produto Interno Bruto.

O México, por exemplo, segundo maior devedor do continente com US\$ 100 bilhões, tem um débito que corresponde a 55,6 por cento de seu Produto Interno Bruto, enquanto a Argentina, terceiro grande devedor, tem dívidas de US\$ 52 bilhões, ou 79 por cento de seu PIB. Cuba, que entrou

em moratória no ano passado e que tenta atualmente obter prazos mais longos para voltar a pagar seus débitos com bancos do Japão, Canadá e Espanha, exigindo **spread** zero, e refinanciamento dos juros, ostenta uma das menores dívidas (US\$ 4 bilhões), e o menor comprometimento do PIB — 20 por cento.

A análise da Cepal sobre a crise retorna aos anos compreendidos entre 1980 e 1983, quando a recessão atingiu em cheio os países latino-americanos e fez com que a produção do continente voltasse aos níveis de 1977. Em resultados globais, o Produto Interno Bruto, da região cresceu 0,5 por cento em 1981, caiu 1,4 por cento em 1982 e decresceu ainda mais no ano seguinte, com menos 2,4 por cento em 1983. O resultado, diz a Cepal, foi a queda, entre 1981 e 1986, de 7,6 por cento do PIB per capita da América Latina.